



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
solenidade de posse da Diretoria da Fiesp**

São Paulo-SP, 08 de novembro de 2004

Meu caro Geraldo Alckmin, governador do estado de São Paulo,
Senhora Rosinha Garotinho, governadora do estado do Rio de Janeiro,
Senhor José Reinaldo Tavares, governador do estado do Maranhão,
Senhor Aécio Neves, governador do estado de Minas Gerais,
Senhor Marconi Perillo, governador do estado de Goiás,
Senhor Germano Rigotto, governador do estado do Rio Grande do Sul,
Senhores embaixadores,

Minha querida Marta Suplicy, prefeita de São Paulo, e demais prefeitos
aqui presentes,

Meu caro Paulo Skaf, presidente da Federação das Indústrias de São
Paulo,

Meus companheiros e companheiras, ministros e ministras de Estado,
Deputado Sidney Beraldo, presidente da Assembléia Legislativa do
estado de São Paulo,

Armando Monteiro, presidente da Confederação Nacional das Indústrias,

Senhores senadores,

Senhores deputados,

Secretários de Estado aqui presentes,

Meu caro ministro Edson Vidigal, presidente do Superior Tribunal de
Justiça,

Senhores presidentes das confederações de trabalhadores e dos
sindicatos,



O Paulo Skaf falou no Gama e no Neto e não falou no Salim. Então, como o Salim vai bater à tua porta logo, logo, eu vou lembrar aqui, para você não ser prejudicado nas negociações.

Meus amigos, minhas amigas,
Empresários do Brasil,
Empresárias e empresários de São Paulo,

Primeiro, dizer que é uma alegria, Paulo, estar aqui, porque eu não conheci o Paulo depois de ser Presidente da República. Eu conheci o Paulo bem antes, em 1990, na casa do companheiro Tony Skaf, que está aqui, seu primo caçula, o mais novo, num momento em que a disputa presidencial estava muito distante. E essa história tem muito a ver com outra figura da Fiesp que eu tive oportunidade de conhecer num momento adverso.

Eu não sei se vou ofender alguém, mas eu acho, Vidigal, que você foi o começo da civilização da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo, pelo menos no período em que eu fui dirigente sindical deste país. Por uma razão simples: eram muito tensas as relações entre o sindicato e os empresários, naquela época, nos anos 70, anos 80, e eis que eu fui eleito presidente do sindicato em 1975, reeleito em 78 e, de repente, eu recebo o telefonema de um cidadão se dizendo presidente da Fiesp, querendo ir a São Bernardo do Campo conversar comigo. Foi, acho, a primeira vez que o presidente de uma federação importante como a Fiesp foi até o sindicato conversar com os trabalhadores. E eu penso que de lá para cá houve uma evolução extraordinária nas relações capital e trabalho.

Queria, também, antes do meu pronunciamento, fazer um agradecimento. Eu, meu caro Paulo Skaf, passei parte da minha infância morando, aqui, na Vila Carioca. A Vila Carioca é a parte pobre do bairro do Ipiranga. E a gente tinha um único lugar para passear no fim de semana, era pegar um bondinho e vir ao Museu do Ipiranga, num bondinho aberto. E



naquele tempo tinha muito preconceito contra baiano, ou seja, nós vínhamos para cá com um “radinho”, às vezes com um “radião”. Nós éramos um pouco “achincalhados” pelas pessoas, que diziam que o Museu do Ipiranga não era lugar de baiano visitar.

Eu, depois, montei um escritório aqui do lado. Durante 13 anos fiquei com um escritório, aqui, e quando a Marta ganhou as eleições, tinha duas coisas que eu tinha vontade que fossem feitas na cidade de São Paulo.

Primeiro, era dar uma certa beleza visual ao pátio do Ibirapuera. Eu andava pelo mundo e via tantas praças bonitas, tantas fontes luminosas, tanta coisa que atraía, sabe, não era possível que São Paulo não tivesse. Eu pedi para a Marta, e ela falou com o Abílio Diniz e ele, parece-me que, num estado de graça, resolveu fazer aquela fonte maravilhosa no parque do Ibirapuera.

E uma outra foi no Museu do Ipiranga. Eu que trabalhava aqui perto, que vinha de vez em quando andar por aqui, nunca consegui entender porque isso não foi colocado como um lugar importante para o desenvolvimento do turismo da nossa cidade, e ao mesmo tempo um lugar que as crianças das escolas públicas deveriam ter a obrigatoriedade de visitar, afinal de contas, aqui está uma grande parte da nossa história.

E, quando eu sou agraciado, ficando aqui de cima olhando essa fonte funcionar, e a gente pode ver na fonte a mesma coisa que vocês estavam vendo aqui nestes telões. E eu ouvi dizer pelos meus companheiros, aqui, que agora para entrar no Museu do Ipiranga no sábado, domingo e feriado, é um Deus nos acuda, porque todo mundo quer vir aqui, porque ficou bonito, porque não é mais “coisa de baiano”. É coisa de baiano, de pernambucano, de paulista, de sergipano, de carioca. É, na verdade, um dos centros da nossa história e eu acho que foi extremamente importante isso que aconteceu.

Antes de você, Marta, o Jânio Quadros tinha feito essas cercas todas e o povo já achava bonito, só o fato de fazer essa cerca de grade, quase que proibindo o pobre de entrar. Mas agora não, está aí para todo mundo ver até de



longe. Até quem não puder entrar vai conseguir ver, e eu acho que o povo de São Paulo precisa disso. Eu falo do povo de São Paulo com certo orgulho, porque, muitas vezes, tenho andado pelo Brasil e alguns de vocês, deputados e ministros têm andado comigo, e vira e mexe eu chego num estado em que o estado de São Paulo é “achincalhado”, porque São Paulo é tratado como se fosse o imperialismo brasileiro responsável pela miséria do restante do Brasil. Vira e mexe eu ouço isso e vira e mexe eu, como pernambucano, sou obrigado a levantar e defender o estado de São Paulo, porque eu devo a São Paulo o que eu sou.

Eu devo a minha formação profissional e outra coincidência, eu me formei no Senai, aqui, no Ipiranga. Eu me formei e vinha a pé da Vila Carioca para cá, era longe “pacas”, eu vinha a pé porque não tinha uma moedinha para pagar o ônibus, mas graças a Deus consegui me formar torneiro mecânico, que eu não sabia que era o passaporte para ganhar o diploma de Presidente da República.

Por isso que quando eu era deputado constituinte e alguns companheiros nossos levantavam emendas e medidas para acabar com o Senai, para acabar com o Sesi, para acabar com o Sesc, eu dizia: se nós temos divergências, vamos consertar. Agora, acabar uma coisa que pega um aluno pobre da periferia e dá a ele o conhecimento profissional para sair do salário mínimo, uma coisa dessas não pode acabar. Se tem erros, nós vamos consertar, mas não vamos acabar nunca.

Eu falo com muito orgulho, porque graças ao Senai, eu fui o primeiro filho da minha mãe a ganhar mais que o salário mínimo, o primeiro a ter uma casa, o primeiro a ter uma televisão. Por conta disso, eu fui ser diretor do sindicato em São Bernardo, por conta disso eu conheci todos vocês e por conta disso eu estou, aqui, hoje.

Então, eu acho que as crianças do Brasil, hoje, se ressentem do momento e da oportunidade que eu tive. Eu acho que nós precisamos espalhar



por este Brasil afora, no ano que vem Paulo Skaf, com a tua colaboração e do Armando, se Deus quiser, a gente vai criar 500 escolas de formação profissional dentro das fábricas, em parceria com os empresários brasileiros, para que essas crianças possam se formar. Porque se a gente não investir nisso, amanhã estaremos discutindo, aqui, que uma criança da Febem custa caro. Então, é mais barato a gente fazer investimento na coisa certa, na hora certa, e é por isso que nós acreditamos que esse processo de formação é uma coisa necessária.

Este ano – há 15 anos o Brasil não conseguia recrutar mais que 70 mil recrutas – nós recrutamos 30 mil recrutas a mais, dando preferência aos meninos da periferia das grandes regiões metropolitanas, junto às Forças Armadas, em parceria com a CNI, em parceria com o Sesi. Está aqui o Meneguelli. Quem esperava um dirigente sindical dos trabalhadores ser presidente do Sesi? Isso demonstra a evolução que este país está tendo na consolidação do seu processo democrático. E nós esperamos que essa experiência de 30 mil alunos possa nos garantir, amanhã, termos 50, termos 60. E cada vez que a gente formar um aluno, a gente sabe que o mercado de trabalho estará apto a receber alguém com uma boa formação, alguém com uma boa referência. E cada um que a gente formar, vai estar fora da rua, vai estar fora do crime organizado, vai estar fora do mundo que nós não queremos para os nossos filhos.

Mas meu querido Paulo Skaf, antes de mais nada, eu quero saudar você e a nova diretoria da Fiesp. Na tua pessoa Paulo, eu quero saudar também os dirigentes anteriores, aqueles com quem nós convivemos nesses últimos 30 anos, pelo menos da minha parte, que sempre honraram esta instituição pelo trabalho e dedicação à indústria e ao desenvolvimento nacional.

Eu vejo na diversidade de idéias e na alternância das lideranças empresariais, aqui reunidas, um símbolo de maturidade política da sociedade brasileira. Mais que isso, vejo nesse processo um sintoma do vigor democrático



do nosso país. Um país que escolheu o debate livre, a transparência das idéias e a participação ativa da cidadania como principal fio condutor do seu futuro e do seu progresso.

Esses valores valem para os setores sindical, rural e urbano, para as entidades empresariais, para as associações profissionais, ONGs, movimentos, partidos. Valem para o conjunto da nossa sociedade.

Minhas amigas e meus amigos,

Para que uma nação possa se transformar numa República de todos, é necessário que a democracia se traduza numa busca constante de consenso entre os objetivos maiores da sociedade. Construir esses consensos que não suprimem as diversidades nem negam as divergências, não é obra de um único partido ou de uma única corrente de pensamento, tampouco é tarefa exclusiva do Estado. É, sobretudo, um empenho que envolve todas as forças políticas e sociais do nosso país.

O debate, a negociação, o fortalecimento dos canais de expressão já existentes e a criação de outros novos constituem, portanto, uma arquitetura insubstituível de um governo democrático. É o que tenho orgulho de dizer que vem sendo feito pelo nosso governo, inclusive em relação ao setor industrial. Eu, pessoalmente, já fiz duas grandes reuniões de trabalho com a Diretoria da Confederação Nacional das Indústrias e 27 presidentes de federações estaduais, o que faremos também com outras categorias profissionais pelo Brasil afora. Mas do que isso, criamos o Conselho de Política Industrial, com forte participação do empresariado nas definições das políticas para o setor.

Também, o meu companheiro Furlan, do Ministério do Desenvolvimento Indústria e Comércio Exterior, tem mantido um diálogo permanente com o setor, sem falar do Conselho de Desenvolvimento Econômico e Social, dirigido pelo companheiro Jaques Wagner que tem forte participação junto às grandes lideranças do empresariado brasileiro.

Minhas senhoras e meus senhores,



Temos procurado trabalhar em parceria para implementar uma política industrial e tecnológica de comércio exterior pela qual o nosso país ansiava há décadas. Ela traduz a preocupação estratégica de consolidar e expandir segmentos de nossa economia que são essenciais para o desenvolvimento industrial do Brasil e para a nossa inserção soberana no mundo.

Aqui, um parêntese para chamar a atenção de Paulo Skaf, agora como presidente da principal federação dos empresários brasileiros, e do Armando Monteiro Neto, presidente da CNI, para uma coisa que eu acho importante. Vocês se lembram que há pouco tempo quando nós falávamos de uma integração da América do Sul e de uma inserção maior do Brasil em outras partes do mundo, algumas pessoas duvidavam que era possível porque estávamos habituados a negociar com duas fontes muito fortes da economia mundial: de um lado, os Estados Unidos, e de outro lado, a União Européia. Alguns chegavam a insinuar que nós iríamos brigar com os Estados Unidos e com a União Européia e iríamos negociar com os países pobres, o que não era nenhuma vantagem.

Nós, ao contrário de querermos brigar com os Estados Unidos, que é um parceiro extremamente importante nosso, ao invés de querermos brigar com a União Européia que é outro parceiro extremamente importante, nós resolvemos fazer uma coisa que nós aprendemos quando jogamos futebol de várzea. Ou seja, os nossos adversários só nos respeitarão se a gente mostrar alguma força, se a gente mostrar altivez, se a gente mostrar alternativas de táticas para o jogo que vai se iniciar.

O que nós fizemos na verdade? Nós consolidamos a política de integração com o Mercosul com um discurso muito claro de que era necessário integrar toda a América do Sul e que era preciso integrar não apenas no discurso verbal, mas integrar do ponto de vista de construir as rodovias necessárias, as pontes necessárias, as hidrovias, as telecomunicações, as ferrovias, o que estamos vendo acontecer agora, de forma definitiva no nosso



querido Mercosul.

Alguns empresários viajaram comigo para o Oriente Médio. A última autoridade brasileira a viajar para o Líbano tinha sido D. Pedro em 1876. E diziam para nós: “o que vocês vão fazer no Oriente Médio?” Pois bem, o Furlan é testemunha, nós estamos correndo um sério risco de chegarmos nos próximos 12 meses com 94 bilhões de dólares de exportação. E por cada país onde nós passamos no Oriente Médio, a gente vai constatando: a relação comercial cresceu 50 %, cresceu 60%, cresceu 70%, em alguns cresceu 83%, da mesma forma que resolvemos estabelecer uma parceria estratégica com a Índia e com a China, sobretudo, dizendo a estes países que era preciso que nós estabelecêssemos uma política da similaridade, para que a gente pudesse complementar aquilo que nós tínhamos, e que poderíamos ajudar os outros, ou aquilo com que nós poderíamos ser ajudados.

O dado concreto é que nós estamos colhendo aquilo que nós plantamos. Nós estamos com uma boa colheita porque plantamos acertadamente. Dizia ao nosso querido ex-presidente da Fiesp, o Piva, logo que eu voltei da China: Piva, pelo amor de Deus. E vou dizer o mesmo para você Paulo Skaf, de coração, como companheiro que não votou em você porque não era empresário, não tinha direito a voto na Fiesp. Quero dizer o seguinte, Paulo: eu acho que muitas vezes é importante ficar olhando o que o governo faz, criticar o governo, exigir do governo. Essa é uma coisa normal, que é o teu papel enquanto representante de classe.

Uma outra coisa sagrada que nós temos que aprender a fazer é que o empresariado brasileiro precisa perder o medo de virar empresa multinacional, de virar empresa grande e de ocupar espaço no mundo exterior. E isso só será feito com ousadia. Não vamos ficar esperando que os chineses venham aqui – e vai estar aqui o presidente Hu Jintao, agora, no dia 12 – dar para nós o que nós precisamos. Nós é que temos que conquistar em cada país do mundo, desde os Estados Unidos à Argentina; nós temos um espaço para brigar. Eles



vão tentar defender os interesses deles, nós vamos defender os nossos e, de repente, a gente chega num acordo em que as duas partes fiquem satisfeitas, os nosso empresários crescem, vendem, produzem, geram empregos e eles a mesma coisa. E a economia tem um dinamismo extraordinário, não tem por que ter medo de negociar com a China.

Cada empresário nosso que vai se instalar na China, o chinês exige, definitivamente, uma *joint venture* para que a gente possa se instalar lá. Ou seja, quer vir para cá? Quero. Vamos ser parceiros. Ora, nós temos que dizer o mesmo para os chineses. Querem vir para cá? Querem. Nós estamos de coração aberto para receber as empresas chinesas, os investimentos chineses, mas nós queremos uma igualdade, queremos parceria, tratamento igual para que as nossas empresas possam crescer e se fortalecer ainda mais.

E muitos de vocês vão ter oportunidade de participar, quinta-feira à noite, ou sexta-feira à noite, do jantar com o Presidente da China, para que a gente possa discutir abertamente essa parceria estratégica que nós entendemos necessária para o Brasil.

A política industrial lançada em março deste ano, com a participação da Confederação Nacional das Indústrias, tem 53 metas voltadas para ampliar a eficiência e a competitividade da indústria nacional. Esse conjunto de ações fortalece o planejamento democrático do futuro brasileiro. Vai estimular o investimento, elevar a poupança de longo prazo, contribuir para a superação de gargalos em infra-estrutura, bem como acelerar a capacitação do parque industrial brasileiro em inovações e gestão. Inclui-se aí a desoneração do investimento em bens de capital com redução inicial de 5% da alíquota de IPI, até completar a sua eliminação em 2006. Paulo Skaf e Armando Monteiro, nós nos propusemos – faltam 2% – a zerar em 2006. Quem sabe com uma boa conversa, a gente possa zerar em 2005 e não ficar esperando 2006. Quem sabe isso seja ponto de pauta de reivindicação, Paulo Skaf, da sua primeira visita oficial ao Presidente da República como Presidente da Fiesp, e quem



sabe você possa conseguir um tempo.

Com esse mesmo objetivo reduzimos o imposto de importação para máquina sem similar nacional, também com a participação dos companheiros da CNI. A depreciação acelerada para bens de capital também passou a ser descontada na contribuição social sobre lucro líquido. A ampliação do prazo de recolhimento do IPI é outra medida tomada para diminuir o custo operacional das empresas e melhorar seu fluxo de caixa, bem como baratear o capital de giro.

Com uma dotação orçamentária de 2 bilhões e 500 milhões de reais e prazo de vigência de 12 meses, criamos, em agosto, o Modermaq, o programa de modernização do parque industrial brasileiro. Vamos financiar máquinas e equipamentos nacionais novos para acelerar a reestruturação tecnológica das nossas empresas.

Criamos, ainda, um regime tributário especial de incentivo à modernização e ampliação do sistema portuário brasileiro. Isso também reivindicação dos empresários, levada para a mesa de negociação pelo companheiro Furlan. O Reporto vai desonerar do IPI, Cofins, PIS/Pasep e imposto de importação, todo investimento em máquinas e equipamentos destinado ao setor, sem similar nacional.

Tomamos medidas também para eliminar gargalos num curtíssimo prazo. Ao todo são 46 ações a serem implementadas nos cinco principais portos do país: Santos, Rio de Janeiro, Rio Grande, Paranaguá e Vitória do Espírito Santo. Paralelamente, cuidamos de incentivar a poupança de longo prazo, indispensável aos grandes projetos de expansão e infra-estrutura, inclusive estimulando aplicações de médio e longo prazos, com tratamento tributário diferenciado, que passa a vigorar em 1º de janeiro próximo para papéis de renda fixa e renda variável.

Não descuidamos também das competitividades tecnológicas dos manufaturados brasileiros. O projeto de lei de inovação que assinamos, em



abril deste ano, encontra-se no Congresso em regime de urgência. Cada empresário aqui tem um amigo deputado, não custa nada pegar o telefone e ligar pedindo para o deputado apressar a votação desse projeto de lei de inovação tecnológica.

Trata-se de incentivo indispensável a uma cultura de inovação e parceria entre centros de pesquisas e empresas nacionais. Com ele, instituições públicas terão agilidade para contratar pesquisadores e as empresas ganharão acesso a laboratórios e equipamentos disponíveis nas universidades. Com essa mesma preocupação iniciamos a reestruturação do Instituto Nacional de Propriedade Industrial. Depois de quatro anos sem concurso público, o INPI ganhou, finalmente, mais 90 examinadores de marcas e patentes. O orçamento de custeio e investimentos do Instituto este ano, foi 100% maior do que em 2003.

Essa era uma coisa da qual o Furlan vivia se queixando. Vivia dizendo que os empresários se queixavam que mandavam uma patente, que demorava não sei quantos meses, que não tinha funcionário, que não sei das quantas. Pois bem, se é para funcionar, o Furlan está colocando para funcionar, se dependesse de mim, inclusive, saía do Rio de Janeiro e iria para Brasília para funcionar um pouco mais rápido.

Também, as pequenas e médias empresas, responsáveis pela capilaridade do crescimento e principal esforço do emprego urbano, estão incluídas nessa estratégia modernizadora.

Simplificamos os processos de regularização do setor informal e promovemos arranjos produtivos locais para facilitar a entrada de pequenas e médias empresas no comércio internacional. Aí eu quero fazer justiça: quando eu estava concorrendo às eleições eu dizia que ia criar uma câmara de comércio exterior, que ia colocar lá um mascate para fazer o papel de mascate, aquele mascate que batia palmas na porta da gente e fazia a gente comprar uma peça de roupa para pagar em 12 meses. Eu não precisei escolher o



mascate porque quando eu resolvi chamar o empresário Luiz Furlan para ser ministro da Indústria e Comércio, descobri que no próprio Furlan estava o mascate que eu tanto precisava.

Aliás, eu quero fazer justiça. Um governo que tem a felicidade de ter, de um lado o Furlan, de outro lado o Roberto Rodrigues, e do outro lado o Celso Amorim, não tem que ter medo de nenhum, porque são três figuras – eu estou dizendo na área comercial, para os outros ministros não ficarem chateados – são três figuras que não medem sacrifício, em dia de sol, de chuva, cara feia, mesmo quando o Zoellick fazia cara feia nas negociações, a gente acreditava que era possível fazer um acordo.

Quando a gente fez o encontro de Cancun, e muita gente escreveu: “faliu a negociação” “acabou”, “o Brasil perdeu”, porque o que não falta é gente torcendo para dar “urucubaca”, ou seja, o que aconteceu? Aquela briga em Cancun resultou no sucesso do que está acontecendo hoje na OMC. Quem diria que a gente ia ganhar a briga pelo açúcar? Quem diria que a gente ia ganhar a briga pelo algodão na OMC? Sabe porque a gente ganhou? Porque ninguém, e você aprenda esta lição Paulo Skaf, , e você também Gama, Neto e Salim, aprendam, ninguém respeita negociador que anda de cabeça baixa. Ninguém. E muito menos no mundo comercial, nesse mundo globalizado. Ali não tem ninguém que não seja esperto, cada um quer levar vantagem para o seu país.

Então, esses três homens fazem a diferença. Podem ficar certos. Vocês estão lembrados do glorioso time do Santos, esse aqui é o trio de atacantes do time do Santos no seu melhor tempo. E o Brasil pode estar tranquilo que esse trio, quando entra em campo, faz a diferença nas negociações. Nossa meta é aglutinar 100 mil empresas industriais até 2007 através desses arranjos.

Negócios com receita anual bruta, essa é outra proposta que saiu da Federação do Comércio da Indústria de São Paulo. O nosso amigo Afif Domingos me levou essa proposta e nós juntamos com outras federações do



comércio e fizemos. Negócios com receita anual bruta de até R\$ 36 mil reais passam a contar com tratamento tributário, previdenciário e trabalhista especial.

Minhas amigas e meus amigos,

O governo faz a sua parte. Recuperamos a estabilidade e a credibilidade interna e externa do nosso país. Voltamos a crescer, a gerar empregos e a melhorar a renda da população, apesar das dificuldades e restrições orçamentárias.

Em 2005, vamos investir pesado em infra-estrutura para recuperar mais da metade da malha rodoviária nacional. Vamos providenciar a dragagem e ampliação dos principais portos; licitar sete trechos de rodovias federais; construir o Arco Rodoviário do Rio de Janeiro e a Perimetral do Porto de Santos.

A Petrobras, por sua vez, investirá US\$ 53 bilhões de dólares nos próximos seis anos, sendo 86% em encomendas à indústria brasileira, com geração de 280 mil novos empregos diretos e indiretos.

Quem sabe já no final de 2005, teremos alcançado a auto-suficiência brasileira em petróleo, com a produção de 1 milhão, 940 mil barris/dia, quase 12 meses antes do previsto. Aí uma outra coisa importante, também idéia generosa e criativa da nossa Dilma Rousseff, do nosso Eduardo Campos, da Ciência e Tecnologia; do nosso Ministro da Agricultura, do nosso Ministro da Indústria e Comércio e de, quem sabe, muitos de vocês.

Nós, agora em novembro, temos pronto, vamos escolher a data para ser lançado, o grande programa de biodiesel produzido neste país para que a gente crie uma matriz energética e não fiquemos apenas dependente do petróleo ao preço que ele está. O biodiesel pode ser um coisa extraordinária, não apenas para caminhões, tratores e motores estacionários mas, sobretudo, para carro, porque no mundo inteiro se usa carro a óleo diesel. Aqui no Brasil não, porque nós produzimos pouco óleo diesel, tiramos mais gasolina. Nós



somos obrigados a usar carro a gasolina e o diesel nós utilizamos só em carros pesados. Eu acredito que a partir do programa do biodiesel, e é importante dizer aqui, esse programa tem, na minha cabeça, o mesmo perfil que teve o modelo do desenvolvimento do presidente Roosevelt no Vale do Tennessee. Esse programa será experimental e, sobretudo, será prioritário para as partes das regiões brasileiras que não tiveram, nesses cinco séculos, possibilidades de se desenvolver, sobretudo o semi-árido nordestino, sobretudo o Vale do Jequitinhonha. E a gente vai começar, nessa região, com o biodiesel da mamona; em outra região, com o biodiesel do dendê e, quem sabe, quando a gente tiver o mercado todo consumindo biodiesel, Roberto Rodrigues, a gente inclua a soja no biodiesel para que a gente possa ser o maior produtor de biodiesel do mundo e a gente possa limpar o planeta terra que hoje, dizem, está ficando *caliente*, quente, por causa do gás que os nossos carros jogam todo santo dia no ar.

Portanto, esse programa é uma coisa fantástica para o Brasil. Eu dizia outro dia, na reunião com os ministros: vai ser um êxodo rural ao contrário. Se na década de 50 os nordestinos vinham para cá à procura de emprego, se acontecer com o biodiesel o que eu estou pensando, nós vamos ter muitos dos nossos irmãos nordestinos que moram aqui, retornando para sua terra natal, não como mendigos, mas como cidadãos, porque vai ter oportunidade de emprego para trabalhar e se desenvolver e, quem sabe, aquela região pobre deste nosso querido país possa ser uma região rica neste século. Afinal de contas, nós viemos discutindo: este século XXI tem que ser o século do Brasil.

Se nós perdemos outros séculos, se o século XIX foi o século da União Européia, se o século XX foi o século dos Estados Unidos e, no finalzinho, da China, o século XXI tem que ser nosso de qualquer jeito e nós não temos o direito de jogar fora esta oportunidade.

Vamos ainda reestruturar o sistema ferroviário Sudeste/Centro-Oeste, promovendo uma parceria modular entre as empresas, o BNDES e os fundos



de pensão.

Trata-se de recuperar o papel saudável e indispensável do Estado na nossa sociedade, resgatando a sua capacidade de coordenação entre o investimento público e o privado, por exemplo.

E para terminar minhas amigas e meus amigos, graças a esses esforços, o Brasil torna-se cada vez mais competitivo no mercado mundial. Estamos, na verdade, iniciando um novo ciclo histórico de desenvolvimento sustentável, e é este investimento produtivo que vai articular o forte dinamismo externo, que já conquistamos, com uma maior expansão da renda, do emprego e da produtividade nacional.

Tenham certeza de que estamos tomando todas as medidas necessárias para criar o ambiente institucional favorável a esses investimentos, entre os quais se destaca o projeto das PPPs que está no Congresso.

Estou convencido de que a principal força propulsora de uma economia é a energia condensada do seu povo num grande entendimento que sinalize o futuro e sustente a sua direção. Uma nação é, acima de tudo, uma comunidade de destino, que caminha unida e guiada pelo consenso renovado de suas forças democráticas. É o que, juntos, estamos procurando fazer.

Eu quero terminar dizendo a você, meu caro Paulo Skaf, ao Armando Monteiro e aos empresários aqui. Nós temos uma oportunidade histórica. O Brasil está vivendo um momento, eu diria, auspicioso, não ainda extraordinário. O mais cético, mesmo dentre nós mesmos no governo, dizia que a economia não cresceria acima de 3%. Hoje, já tem gente apostando no crescimento de até 5%.

Eu tenho dito que eu não quero que a economia brasileira cresça 10% em um ano e zero no outro ano. É melhor ela crescer uma média, mas cresça de forma sustentável para que todos possam se planejar, Estado e empresários e para que a gente possa tirar proveito dessa economia e fazer com que isso seja um ciclo para os próximos 10, 15 ou 20 anos.



Eu quero fazer um desafio ao meu querido Paulo Skaf que toma posse da presidência da Fiesp nesta festa extraordinária: que a gente aproveitasse este momento auspicioso; nós estamos saindo de um momento de campanha eleitoral em que, eu não sei porque, quando as coisas deveriam ficar mais animadas, parece que uma parte do país pára por causa da campanha. Nós, agora, entramos em 2005 e eu acho importante Paulo Skaf, que nós aqui, governadores, Presidente da República, senadores, prefeitos, deputados, empresários, que a gente dedicasse 2005 para definir os principais projetos deste país, seja na infra-estrutura, seja na construção de hidrovias, ferrovias ou rodovias, seja na reconstrução dos portos, seja nos investimentos em ciência e tecnologia, seja no agronegócio, na agricultura, no biodiesel, ou seja, no que nós definirmos, e vocês serão convidados a definir junto conosco. E que a gente dedicasse o ano de 2005 a tirar proveito do momento internacional e do bom momento que o Brasil está vivendo, e que a gente não permitisse que a mesquinhez tomasse conta de qualquer um de nós e colocasse as eleições de 2006 acima dos interesses que este país tem e acima da sociedade brasileira que precisa, uma vez na vida, ter oportunidade de crescer de forma definitiva.

Muito obrigado a todos vocês e eu espero que você tenha uma gestão profícua à frente da Fiesp.